

# Constelação familiar, sexismo e LGBTfobia: Estigmas, trajetórias e identidade de gênero

LEPLETIER, Alexander de Abreu<sup>1</sup>

FERREIRA, Aldo Pacheco<sup>2</sup>

## RESUMO

Preconceitos relacionados a sexo e gênero são ligados à prática da dominação, discriminação, a comportamentos violentos e estigmas. Visões estereotipadas e sexistas a respeito da população transgênero irão desempenhar importante papel na ocorrência de atitudes de abuso e violência. Esta pesquisa teve por objetivo compreender a LGBTfobia e realizar uma análise crítica das evidências do machismo e sexismo, sob a ótica da constelação familiar, com o intuito de visibilizar os desafios que se apresentam a estigmas, trajetórias e a identidade de gênero, como forma de alicerçar a aceitabilidade às orientações sexuais de cada ser. Nesse sentido, para entender esses fenômenos, buscou-se estudá-los através de abordagens sociais e de gênero. Com o intuito de contribuir nesse aspecto, a presente pesquisa é de caráter qualitativo, exploratório e descritivo, desenvolvida através de uma revisão narrativa de literatura. Buscou-se reunir em uma base de dados pré-definida, referências que discutissem a constelação familiar bem como violências dirigidas à população LGBT. O termo sexo reserva-se às características biológicas predeterminadas do homem e da mulher, enquanto gênero é utilizado para assinalar as características socialmente construídas, que constituem a definição do masculino e do feminino em diferentes culturas. Nos resultados, detectou-se a presença de estereótipos de gênero. O sexismo, também presente, apresentou-se significativamente mais benévolo que hostil. Os achados corroboram a existência de estereótipos de gênero e sexismo ambivalente e a necessidade de desenvolvimento de ações e políticas para sua erradicação.

*Gênero. Constelação familiar. Direitos humanos.*

## Family constellation, sexism and LGBTphobia: Stigmas, trajectories and gender identity

## ABSTRACT

<sup>1</sup> Graduação em comunicação social (UNISUAM). Especialista em Direitos humanos, Gênero e Sexualidade (Fundação Oswaldo Cruz). E-mail: fortuneteller\_21@hotmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0370428188175208>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4760-9326>.

<sup>2</sup> Doutorado e Mestre em Engenharia Biomédica (UFRJ). Pesquisador e Docente da Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca (FIOCRUZ). E-mail: aldo.ferreira@fiocruz.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0942554454570321>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7122-5042>.

Prejudices related to sex and gender are linked to the practice of domination, discrimination, violent behaviour and stigma. Stereotyped and sexist views about the transgender population will play an essential role in the occurrence of attitudes of abuse and violence. This research aimed to understand LGBTphobia and carry out a critical analysis of the evidence of machismo and sexism, from the perspective of the family constellation, to visualize the challenges that are presented to stigmas, trajectories and gender identity as a way of ground acceptability to the sexual orientations of each being. In this sense, to understand these phenomena, we sought to study them through social and gender approaches. In order to contribute to this aspect, this research is qualitative, exploratory and descriptive, developed through a narrative literature review. We sought to gather in a pre-defined database references that discussed the family constellation and violence directed at the LGBT population. The term sex is reserved for the predetermined biological characteristics of men and women. At the same time, gender is used to indicate the socially constructed factors that constitute males and females in different cultures. In the results, the presence of gender stereotypes was detected. Sexism, also present, was significantly more benevolent than hostile. The findings corroborate gender stereotypes and ambivalent sexism and the need to develop actions and policies to eradicate them.

*Gender. Family constellation. Human rights.*

### **Constelación familiar, sexismo y LGBTfobia: estigmas, trayectorias e identidad de género**

#### **RESUMEN**

Los prejuicios relacionados con el sexo y el género están vinculados a la práctica de la dominación, la discriminación, los comportamientos violentos y el estigma. Las opiniones estereotipadas y sexistas sobre la población transgénero jugarán un papel importante en la aparición de actitudes de abuso y violencia. Esta investigación tuvo como objetivo comprender la LGBTfobia y realizar un análisis crítico de las evidencias del machismo y el sexismo, desde la perspectiva de la constelación familiar, con el fin de visualizar los desafíos que se presentan a los estigmas, trayectorias e identidad de género, como una forma de aceptabilidad fundamental a las orientaciones sexuales de cada ser. En este sentido, para comprender estos fenómenos, se buscó estudiarlos a través de enfoques sociales y de género. Para contribuir en este aspecto, esta investigación es cualitativa, exploratoria y descriptiva, desarrollada a través de una revisión narrativa de la literatura. Buscamos recopilar en una base de datos predefinida, referencias que discutieran la constelación familiar, así como la violencia dirigida a la población LGBT. El término sexo se reserva para las características biológicas predeterminadas de hombres y mujeres, mientras que género se utiliza para indicar las características construidas socialmente que constituyen la definición de hombre y mujer en diferentes culturas. En los resultados se detectó la presencia de estereotipos de género.

El sexismo, también presente, fue significativamente más benévolo que hostil. Los hallazgos corroboran la existencia de estereotipos de género y sexismo ambivalente y la necesidad de desarrollar acciones y políticas para erradicarlos.

*Género. Constelación familiar. Derechos humanos.*

## INTRODUÇÃO

139

Já está bem estabelecido na literatura que a discriminação e o estigma aos comportamentos sexuais que divergem do padrão heteronormativo, além de ser um determinante de saúde, uma vez que implica em vulnerabilidades específicas e carrega forte potencial para causar sofrimento psíquico, constituem também uma forma de barreira simbólica ao acesso (LIONÇO, 2008; CARRARA, 2012), comprometendo o cumprimento dos princípios de integralidade, universalidade e equidade, no tocante a orientação sexual e a identidade de gênero (BUTLER, 2012), incluídas na análise da determinação social da saúde (CNS, 2008).

Goffman (2004) inicia seu estudo do estigma apresentando a origem do termo na antiguidade grega, como derivado da palavra *stygma* (que significava punção, picada, marca sobre a pele). Em geral essas marcas eram feitas por instrumentos perfuro cortantes ou fogo e brasa, e buscavam designar algo de ruim sobre o estatuto moral de quem o portava, de forma que escravos, ladrões, prostitutas, estrangeiros fossem facilmente reconhecidos pelo corpo social.

Parker (2012) vai além do conceito de estigma estabelecido por Goffman, sustentado de “marca”, de “diferença de valor negativo” atribuído através das relações interpessoais, e pensa o estigma “como uma espécie de processo social”, fundamentalmente ligado às produções e reproduções das práticas de poder e controle de grupos sociais sobre outros. O estigma seria, portanto mais que uma marca de distinção de inferioridade moral, e se constitui como ferramenta própria ao exercício do poder e da dominação. Entretanto ele reconhece que mesmo para Goffman, a expressão interpessoal da atribuição e reconhecimento de um estigma, não prescinde de um processo social que o antecede.

A orientação sexual se refere à atração afetiva por alguém, independentemente do sexo biológico (FOUCAULT, 2011). Ressalta-se que existem diferentes orientações sexuais, tais como: homossexual - aquele que sente atração por alguém do mesmo gênero; bissexual - a atração sexual é por ambos os gêneros; o heterossexual - sente-se atraído pelo gênero oposto; assexual - pessoa que não sente atração sexual por nenhuma designação de

sexo biológico; e o pansexual - aquela pessoa que sente atração sexual por qualquer indivíduo, incluindo todos aqueles que não fazem parte do binarismo de gênero masculino e feminino, dentre eles os transgêneros, transexuais e travestis (RODRIGUES, 2012).

Em nosso contexto de época, as relações de poder e dominação tendem a negar as diferenças identitárias, relegando à margem alguns sujeitos (FOUCAULT, 1986). A sexualidade é o que há de mais íntimo nos indivíduos e aquilo que os reúnem globalmente como espécie humana. A sociedade atual dissemina que os órgãos genitais são os únicos responsáveis pela determinação do ser homem ou ser mulher (FOUCAULT, 1999). Contudo, essa identificação não é um fator biológico, mas sim social. Desta maneira, a sexualidade de uma pessoa vai além do sexo biológico, isto é, o importante é a autopercepção e a forma como essa pessoa se comporta socialmente (GASPODINI et al., 2017).

Rubin (1993) adota como definição de um sistema de sexo/gênero “um conjunto de arranjos através dos quais uma sociedade transforma a sexualidade biológica em produtos da atividade humana, e na qual estas necessidades sexuais transformadas são satisfeitas” (p.2). Aponta o gênero como divisão dos sexos socialmente imposta e um produto das relações sociais da sexualidade.

No campo das análises dos sistemas “sexo/gênero” a maior problematização está no polêmico texto da feminista Butler (2012). A autora trabalha com o argumento não apenas do gênero como construção social, mas também o sexo como socialmente construído falando de uma “ordem compulsória do sexo/gênero/desejo”. Nas palavras dela “talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero se revela absolutamente nenhuma” (p.25).

A identidade de gênero é a maneira como a pessoa se identifica e como gostaria de ser reconhecida na sociedade; ela pode ser definida por cisgênero (quando a identidade de gênero não difere do sexo biológico) ou transgênero (quando há diferenciação entre a identidade de gênero e sexo biológico). Assim, não convém pensar que toda pessoa seja cisgênero ou transgênero, pois uma pessoa transexual pode ser bissexual, heterossexual ou homossexual, dependendo do gênero que ela se identifica e como ela se atrai afetivossexualmente (GASPODINI; FALCKE, 2018).

Sawaia (2014) apresenta a necessidade de abordar a relação entre alteridade e identidade. A autora argumenta que é preciso compreender a identidade como um processo dinâmico que “age como elemento ordenador em relação aos valores, afetos e motivações do sujeito individual ou coletivo” (SAWAIA, 2014, p. 128). Assim, de acordo com a autora, a identidade tende a se rebelar contra modelos impostos de futuro, exigindo seu próprio futuro,

construído sem direcionamentos obrigatórios. Essa rebeldia caracteriza a alteridade pela qual se pode ser reconhecido sem a necessidade de discriminar ou ser discriminado.

O termo LGBTfobia carrega muitos sentidos, pois representa os preconceitos e as discriminações contra a sexualidade de lésbicas, gays e bissexuais e contra as identidades de gênero de pessoas transgênero (BUTLER, 2013; LOURO, 2013). Cabe destacar que na história brasileira a homossexualidade tem sido um tema negligenciado, pois a influência religiosa privilegia o binarismo de gênero (o masculino/homem e feminino/mulher), enaltece os padrões cisgêneros e exclui os transgêneros e os intersexos - hermafroditas (ROBLES et al., 2016). Essa negligência faz com que o grupo LGBT+ tenha seus direitos humanos básicos não atendidos e muitas vezes sofrem com a situação de vulnerabilidade social por conta de preconceitos previamente estabelecidos (SOUZA et al, 2015; SILVA; MIRANDA; SANTOS, 2020).

Ao se deparar com a palavra LGBTfobia, é muito provável que se pense nos casos extremos, explicitamente encontrados nas mídias, como os espancamentos, assassinatos e estupros recorrentes sofridos pelas pessoas LGBTs (MARTINS; AUAD, 2015). Entretanto, discriminações sutis, formas de eliminação simbólica, aquém da eliminação concreta, são também comuns, e, infelizmente, sem muita divulgação.

Valsiner (2007) nos ajuda a compreender essa questão, uma vez que apresenta os preconceitos, os estigmas e as discriminações como fenômenos sociais que podem ser interpretados como fenômenos de fronteira. O que quer dizer que são estabelecidas fronteiras simbólicas, mediadas pela cultura, entre o que o sujeito se identifica e o que ele não se identifica, em termos afetivos e cognitivos, sobre gênero, orientação sexual, classe social, dentre outros marcadores sociais. Dessa maneira, as interações, as trocas entre um lado e outro da fronteira é inversamente proporcional à rigidez e impermeabilidade da mesma.

Observa-se que o debate sobre a sexualidade tem sido um *tabu* na sociedade, em especial, quando se discute a sexualidade da população LGBT+\_sigla internacional que define lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e mais expressões da sexualidade. Esse segmento tem um histórico de preconceito e discriminação, pois, com o seu envolvimento direto nas questões políticas, a aceitação da homoafetividade sofreu opressões de ordem moral, religiosa e ideológica (BUTLER, 2013). Desta maneira, a discriminação e a intolerância influenciaram legislações dos séculos passados no intuito de criminalizar e punir a homossexualidade (SOUZA et al., 2015). Essas punições vão desde castigos, ofensas verbais e exclusão social

chegando até a violência física, homicídio e suicídio (BAÉRE; ZANELLO; ROMERO, 2015; BENEVIDES; NOGUEIRA, 2018).

Esta pesquisa teve por objetivo compreender a LGBTfobia e realizar uma análise crítica das evidências do machismo e sexismo, com o intuito visibilizar os desafios que se apresentam a estigmas, trajetórias e a identidade de gênero, como forma de alicerçar a aceitabilidade às opções pessoais de cada ser.

## **Método**

142

A presente pesquisa é de caráter qualitativo, exploratório e descritivo (MINAYO, 2007), desenvolvida através de uma revisão narrativa de literatura (RN). A RN possui caráter amplo e se propõe a descrever o desenvolvimento de alguma matéria, sob o ponto de vista teórico ou contextual, mediante análise e interpretação da produção científica existente. Essa síntese de conhecimentos a partir da descrição de temas abrangentes favorece a identificação de lacunas de conhecimento para subsidiar a realização de novas pesquisas.

Ademais, sua operacionalização pode se dar de forma sistematizada com rigor metodológico de posse de textos que formam a análise da literatura científica na interpretação e análise crítica do autor (BRUM et al., 2015). A despeito de sua força de evidência científica ser considerada baixa devido à impossibilidade de reprodução de sua metodologia, as revisões narrativas podem colaborar no debate de determinadas temáticas, levantando questões e colaborando na aquisição e atualização do conhecimento em curto espaço de tempo (COSTA et al., 2015). Conforme apontam Casarin et al. (2020, p.1):

“A Revisão Narrativa (RN) é uma forma não sistematizada de revisar a literatura. É importante para buscar atualizações a respeito de um determinado assunto dando ao revisor suporte teórico em curto período. Também pode ser útil na descrição do estado da arte de um assunto específico, sob o ponto de vista teórico ou contextual. Como a RN inclui um processo mais simplificado de revisar a literatura, a questão de pesquisa pode ser mais ampla ou pouco específica e abordar um tema de forma livre, sem rigor metodológico e por isso está sujeita aos vieses. Na RN não há obrigatoriedade de que os autores informem com detalhes os procedimentos ou critérios usados para selecionar e avaliar as referências incluídas na análise, pois a forma de seleção é variável e arbitrária”.

Para responder à questão norteadora “A Constelação Familiar explica na família biológica a origem das desordens, doenças, desequilíbrios e

repetições de padrões comportamentais e relacionais danosos que se manifestam ao longo da vida das pessoas?”.

Buscou-se reunir em uma base de dados pré-definida, referências que discutissem a constelação familiar bem como violências dirigidas a população LGBT. Dessa forma, optou-se por analisar as contribuições estabelecidas em textos científicos com disponibilidade de acesso em dados abertos (*open access*). Elegeram-se os artigos científicos pelo interesse de produções técnico-científicas no tema. A opção por produções *open access* aconteceu por estas se apresentarem como as principais disseminadoras das comunicações textuais científicas atualmente. A base de dados selecionada para resgatar os artigos foi a *Scielo* (*Scientific Electronic Library Online*). A opção por essa base ocorreu por identificá-la como aquela com maior abrangência de estudos brasileiros em *open access* nas áreas de Ciências Humanas, Sociais Aplicadas e da Saúde.

Salienta-se que não houve delimitação temporal *a priori*, com o intuito de maximizar a abrangência e representatividade temporal dos estudos identificados. Os descritores empregados para localizar os artigos foram selecionados por meio do Dicionário Eletrônico de Descritores em Ciências da Saúde (*DeCS*)<sup>3</sup>, disponíveis em língua portuguesa, devido ao foco na literatura brasileira. Os termos características familiares, violência e comportamento sexual foram, então, aplicados de forma conjunta e separada para busca no *Scielo* até a obtenção do operador com maior abrangência do estado da literatura.

A última pesquisa realizada foi realizada no livro “A simetria oculta do amor”, (HELLINGER, 2015), onde foi buscada a temática da violência como um problema global de aceitação do outro, e que apresenta uma análise do amor que cura e o amor que adocece.

Este processo envolveu atividades de busca, identificação, fichamento de estudos, mapeamento e análise. A análise dos dados se deu pela técnica de temática de Minayo (2007), definida como a descoberta dos núcleos de sentidos, que constituem uma comunicação acerca da frequência ou da presença de algum significado para o objeto que será analisado. Este método de análise é constituído por três etapas: a pré-análise, em que ocorre a ordenação dos dados obtidos; a exploração do material, em que os dados são classificados de forma a alcançar o núcleo de compreensão do texto por meio da formulação de categorias; e o tratamento dos resultados obtidos e interpretação, em que se articulam os dados apreendidos ao referencial teórico, visando responder a questão da pesquisa.

<sup>3</sup> <http://decs.bvs.br/>

Após a análise seguiu-se os passos preconizados por Minayo (2007), sendo realizada uma leitura flutuante de todos os textos, exploração do material catalogando-o e codificando-o em núcleos temáticos e, por último, interpretando os resultados encontrados na pesquisa. Diante desta seleção foram analisadas e sistematizadas informações centrais que serão discutidas na continuidade deste texto.

## **Constelações Familiares na Temática da Diversidade Sexual**

144

Com relação ao uso do termo Constelação Familiar<sup>4</sup>, é importante frisar que se trata como uma técnica sistêmica fenomenológica e tem como foco a solução de conflitos. Segundo Hellinger (2007), existe uma alma familiar que une todas as pessoas da família, independentemente de estarem vivas ou mortas. Em seu livro *Viagens Interiores* esclarece que:

“A alma também nos une a outras pessoas. Em primeiro lugar, ela nos une à nossa família: a nossos pais, irmãos e antepassados, ela nos une a eles como se tivéssemos uma alma comum, uma alma maior. Nossa alma pessoal atua em função dessa alma maior que, por sua vez, atua na alma que vivenciamos como pessoal.” (HELLINGER, 2008, p. 38).

Os problemas vividos por uma pessoa, segundo a Constelação Familiar, são denominados como “emaranhados” e indicam existir alguma interferência nas ordens do amor (pertencimento, ordem e equilíbrio). Esses emaranhados têm relação com algum tipo de exclusão, injustiça, luto, doença grave, rompimento de vínculos, adoção, suicídio e até brigas por herança. Para a Constelação Familiar, todos da família são influenciados pelo que nomeia de “as ordens do amor”. As ordens do amor são o pertencimento, a ordem e o equilíbrio (HELLINGER, 2015). O pressuposto da ordem indica que os primeiros a chegarem numa família têm preferência perante os outros: os mais velhos em relação aos mais jovens, a primeira esposa, os filhos do primeiro casamento e assim sucessivamente. O pressuposto do pertencimento compreende que todos têm o direito de pertencer à família, estejam vivos ou não. O equilíbrio é outro princípio importante e sugere que o sistema familiar impulsionará as pessoas a agirem de maneira que para reequilibrar o sistema diante de qualquer ameaça ou problema.

---

<sup>4</sup> A constelação familiar pode ser definida tanto como uma técnica terapêutica breve, que trabalha por representações e imagens e está voltada para soluções, como uma filosofia prática baseada nas leis sistêmicas ou ordens do amor, enumeradas pelo alemão, Bert Hellinger, filósofo, pedagogo e terapeuta, que sintetizou tal abordagem a partir do conhecimento vivenciado ao longo dos anos em que se submeteu às mais diversas terapias e filosofias.

Em relação aos papéis de gênero, a Constelação Familiar delimita o que é melhor para o sistema familiar, nas palavras de Hellinger (2007):

“O amor é, em geral, bem-servido quando a esposa segue o marido no seu linguajar, na sua família e cultura, e quando aceita que seus filhos o sigam também. Essa concessão torna-se natural e boa para as mulheres se seus maridos governam no interesse do bem-estar da família e compreendem a misteriosa lei sistêmica de que o masculino serve o feminino... Além da hierarquia estabelecida pelo tempo e pela importância, a divisão de funções também desempenha um papel na escolha do parceiro que irá liderar. Embora isso em muitos países esteja mudando, as famílias com as quais trabalhamos em geral funcionam melhor quando a mulher assume a responsabilidade principal pelo bem-estar interno da família e o homem se encarrega de sua segurança no mundo exterior, sendo seguido aonde quer que vá” (HELLINGER, 2007, p. 65).

## **Constelação Familiar Sistêmica**

A Constelação Familiar, ou Constelação Sistêmica é uma controversa técnica terapêutica desenvolvida por Hellinger (2007), que busca na família biológica a origem das desordens, doenças, desequilíbrios e repetições de padrões comportamentais e relacionais danosos que se manifestam ao longo da vida das pessoas, e adiciona:

“Sistema, na concepção da constelação familiar, segundo Bert Hellinger, é a nossa família biológica de origem e todos a que a elas se vinculam com força de vida, isto é, todos que nela ganham vida e os que se vinculam amorosamente a um de seus membros. Também pertencem ao sistema os que dão vida por um membro do sistema e os salvam uma vida daquele sistema. Trata-se de vínculos fortemente estabelecidos pela força da vida” (HELLINGER, 2007, p. 56).

Segundo Hellinger (2007), existe uma alma familiar, ou Grande Alma, formada a partir do conjunto dos vínculos profundos, dinâmicos, conscientes ou inconscientes, compulsórios, inegáveis e indissolúveis entre seus membros, mantendo-os permanentemente conectados e interdependentes, em constante troca. Esses vínculos vêm desde nossos antepassados até nós, através do tempo e do espaço, estendendo-se por gerações. Essa rede de relações e suas dinâmicas forma um sistema vivo. Sua força e profundidade se justificam por estar na família, a origem e a força da vida através do amor, portanto os vínculos que cria são perpétuos.

Na teoria Hellingeriana das Constelações familiares, essa Grande Alma é uma consciência coletiva autônoma que funciona como um sistema autorregulador e transcende a individualidade de seus membros, que estão sujeitos aos seus processos vitais. Quando sua integridade é comprometida por alguma forma de exclusão, posicionamento inadequado ou desequilíbrio nas trocas do amor, ela busca a compensação e o reequilíbrio mobilizando suas partes até que se restabeleça a ordem e haja paz (HELLINGER; HÖVEL, 2017).

## As Leis do Amor

Esses sistemas vivos, conscientes, orgânicos e autorreguladores, organizam-se e se equilibram a partir do que Hellinger designa como as ordens básicas da vida e as denomina de “As Ordens do Amor”. É a partir dos desequilíbrios do fluxo do amor que se formam os problemas da vida, e é a partir do seu reequilíbrio, que se chega ao restabelecimento do equilíbrio sistêmico, teoricamente, findando todas as crises que molestem as pessoas. Essas ordens ou leis são:

### A Lei do Pertencimento:

Ao nascer numa família, a pessoa torna-se parte desse sistema que lhe deu a vida. Dessa forma, o pertencimento é um direito irrevogável por ser um princípio vital que mantém a sua integridade.

Mesmo quem causa danos, mantém o direito de pertencer, pois a sua exclusão levará todos a quem está conectado, ao infortúnio ao desestabilizar a ordem. O direito de pertencimento exige da comunidade o dever de reconhecer seu lugar sendo o dano sistêmico maior e mais importante do que o individual.

Os excluídos não são só os que causam danos deliberadamente, como assassinos, criminosos e maus filhos, mas também, aqueles que estiverem envolvidos em situações de perda e dor como crianças abortadas, natimortos, deficientes etc., aqueles sobre quem se evite falar. Quando o pertencimento de algum membro é negado, o sistema é forçado a compensar a injustiça cometida delegando essa tarefa à família.

Assim, a primeira lei da pertinência ou do pertencimento nos ensina que todos em um formato mais amplo de um sistema têm direito igual a um lugar nesse sistema, em suma, todos têm o direito de pertencer.

### A Lei do Equilíbrio:

Esta lei equilibra o sistema regulando o dar e receber nas trocas humanas para que possa haver paz e harmonia. Quem recebe tem de dar de volta. Quem dá com amor, dá sempre um pouco mais, estimulando quem recebe a fazer o mesmo, aprofundando e fortalecendo os relacionamentos, permitindo que o amor cresça. Se uma parte dá demais, acaba por se esgotar, se a outra não recebe, ou recebe e não retorna, desequilibra e desgasta as relações levando-as ao fracasso, desequilibrando o sistema. O dar e receber tem de ser equalitários. A posição na hierarquia familiar sistêmica determina quem pode ou não dar e receber e o quanto pode.

Nesse sentido, devemos liberar memórias do passado, sejam nossas ou de nossos ancestrais, que promovem desequilíbrios em nossos (des)encontros. Daí a complexidade dos relacionamentos, visto que não basta nosso querer, mas devemos estar atentos à teia de emaranhamentos a que estamos enredados. Podemos estar repetindo padrões, adotando sentimentos, projetando relações não acabadas, vivenciando injustiças do passado. A liberação dessas crenças, padrões e memórias familiares é que irá promover, além do trabalho de autoconhecimento e descoberta, a união do masculino e do feminino em nós. Após esse encontro interno, podemos ir para o movimento de encontro mais profundo no amor.

#### *A Lei da Ordem:*

Ela estabelece o equilíbrio pela hierarquia. Na família, aqueles que vem primeiro têm prioridade, assim, os mais velhos têm prioridade sobre os mais novos.

O ser humano é estruturado pelo tempo. O ser é definido pelo tempo e através dele, recebe seu posicionamento. Quem entrou primeiro em um sistema tem precedência sobre quem entrou depois, independentemente dos lugares que ocupem no sistema familiar, todos tem responsabilidades. Os mais velhos devem conduzir os jovens e esses devem reconhecê-los e respeitá-los (HELLINGER, 2007).

### **Os Emaranhamentos sistêmicos**

Emaranhamentos acontecem quando as Leis do Amor são violadas, afetando o fluxo do amor e da vida. Ao tomar um lugar que não lhe pertence, dar e receber demais ou de menos, excluir alguém etc., gera-se um desequilíbrio que força o sistema a compensá-lo levando essa responsabilidade para os seus descendentes, obrigando-os a reequilibrá-lo e

restabelecer a ordem, mesmo que esses não tenham qualquer envolvimento com o ocorrido.

Bert Hellinger descobriu que por amor, lealdade e fidelidade à família, quando algum ancestral deixa situações por resolver, pessoas de gerações seguintes trarão o sentimento e o comportamento, a ação para a resolução dessas situações, "emaranhando-se" e permanecendo, assim, prisioneiros a fatos e eventos pelos quais não são responsáveis e dos quais sequer têm conhecimento. Esta é a herança afetiva, uma transmissão transgeracional de problemas familiares, que acaba criando uma sequência de destinos trágicos. (BRAGA, 2009, p. 279).

148

O desequilíbrio produzido se manifesta como doenças, perdas, situações dramáticas e padrões de comportamentos compulsivos, com características análogas ou compensatórias às situações que desequilibraram o sistema, repetindo-se ciclicamente, até que a pessoa presa nesse circuito de infortúnios, seja forçada a reparar os danos causados e as injustiças cometidas. Segundo Hellinger, é por amor que os mais jovens são incumbidos de reparar os erros dos mais velhos, e no amor, devem reconhecer sua prioridade e entregarem-se ao serviço, reintegrando quem foi excluído, reposicionando quem está fora do lugar e reequilibrando as trocas afetivas nas relações para que o fluxo do amor seja recuperado, a saúde sistêmica reestabelecida e haja paz (HELINGER, 2007).

## **Fenomenologia, campos mórficos e a prática das constelações**

Na prática, o conceito de "campo" é usado para explicar a fenomenologia das constelações. Segundo Bert Helinger a abordagem das Constelações Familiares é fenomenológica (HELINGER, 2007; 2008), ou seja, fundamenta-se nos conceitos da fenomenologia. O constelador interpreta o que se forma espontaneamente e aceita o que se apresenta como é, integrando-se, conduzindo e extraindo do fenômeno as informações que traz e revelam a realidade subjetiva das relações familiares do sistema familiar constelado, para que ele possa ser curado.

## **A prática das Constelações Familiares**

As Constelações familiares podem ser feitas em grupo ou individualmente, com bonecos ou outros elementos que representarão os elementos das questões consteladas (SHELDRAKE, 2015). Nas constelações em grupo, o constelado ao escolher aleatoriamente e posicionar os

participantes para representar a sua família, ele os coloca em contato com seu campo sistêmico familiar, a Grande Alma da família (HELLINGER, 2007). Então, as pessoas escolhidas começam a apresentar comportamentos espontâneos, involuntários e irresistíveis, acompanhados de sensações desconhecidas para si mesmas, mas que, ao serem reveladas, são reconhecidos pelo constelado como análogos a características da sua história pessoal e familiar (PRÉCOMA, 2017).

São observados, principalmente, os sentimentos de mal-estar e bem-estar para que se identifiquem os emaranhamentos do sistema. Com esse diagnóstico inicial, o constelador conduz a comunicação entre os familiares representados com o constelado e entre si, para que dialoguem e ressignifiquem as situações manifestadas a fim de haver uma reconciliação à medida que vai reposicionando e reorganizando os elementos do grupo (HELLINGER, 2008). Quando se sentirem confortáveis ontem em algum lugar e não houver mais mal-estar, esboçando expressões de alívio, paz e contentamento, o emaranhado foi desfeito, encerrando o trabalho. A pessoa está, em tese, liberta dos condicionamentos e das adversidades pois ordem sistêmica foi recuperada (MELLO, 2018).

## **Campos Mórficos ou morfogenéticos**

O campo mórfico ou morfogenético é uma hipótese criada pelo biólogo Rupert Sheldrake<sup>5</sup> (2013). Os campos funcionam como mecanismos de transmissão de informação a nível coletivo, que transcende tempo e espaço, e organiza os sistemas do mundo material a partir dos padrões comportamentais e de características físicas, específicos de cada grupo. Essas informações fazem parte de uma memória coletiva que é alimentada por cada membro de um sistema e compartilhada, inconscientemente, por todos (HENDGES, 2011).

Se um indivíduo de um grupo aprende a fazer algo novo e o os outros iniciam uma cadeia de aprendizagem, em certo momento, essa informação se fortalece, se desenvolve e se amplia, associando-se à memória coletiva, até que outros indivíduos alheios ao grupo original, separados por grandes distâncias, mas pertencentes ao mesmo sistema, começam a desenvolver, espontaneamente, as novas habilidades. Esse processo é chamado de ressonância mórfica (SHELDRAKE, 2009).

---

<sup>5</sup> Rupert Sheldrake é um biólogo e autor mais conhecido por sua hipótese de ressonância mórfica. Na Universidade de Cambridge, ele trabalhou em biologia do desenvolvimento como membro do Clare College. Ele foi o principal fisiologista de plantas do Instituto Internacional de Pesquisa de Culturas para os Trópicos Semiáridos e de 2005 a 2010 foi diretor do projeto Perrott-Warrick, em Cambridge.

## **As Constelações Familiares, hoje**

As Constelações Familiares de Bert Hellinger se desenvolveram ao longo do tempo em cinco fases que acompanharam reflexões e mudanças de olhar de Bert (HELINGER, 2007). A primeira, a Constelação Clássica, vai dos anos 80 até 2002, a segunda, chamada de Os Movimentos da Alma, vai de 2002 a 2006, a terceira, Constelações Familiares da Alma, de 2006 a 2016, a quarta, As Constelações Originais, é a fase atual. A quinta fase, que começa em 2017, o que muda é a ausência de Bert Hellinger, que se retira da vida pública, dando lugar à sua segunda esposa, Sophie Hellinger, com quem se casou em 2003, que passa a conduzir as Constelações Familiares de Bert Hellinger (HELINGER, 2007).

150

Quanto a regulamentação da prática da constelação, trata-se de um importante movimento de participação social que merece destaque partiu da Associação Brasileira de Consteladores Sistêmicos que, em 2015, propôs, após um Congresso em São Paulo, uma sugestão legislativa (n.º41/2015) perante a Comissão de Legislação Participativa da Câmara dos Deputados, no intuito de incluir a Constelação Sistêmica como um instrumento de mediação entre particulares, a fim de assistir à solução de controvérsias. A sugestão foi convertida, em 2017, no Anteprojeto de Lei (BRASIL, 2017) de n.º 9.444/2017, sob a Relatoria da Deputada Erika Kokay. Com o arquivamento no final da legislatura, a Associação enviou ofício à Câmara a fim de garantir a tramitação do Projeto de Lei que, por sua vez, foi desarquivado em 2019 e está aguardando designação de relator na Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania.

O êxito das Constelações Familiares dá-lhe tamanha dimensão que acabam adaptadas para serem aplicadas em empresas, ao Direito, principalmente, na vara de Família, na Pedagogia (Pedagogia Sistêmica) e, no Brasil, são incorporadas ao Sistema Único de Saúde (SUS), como parte das Práticas Integrativas.

Assim, segundo Flores (2005), existe um depredador patriarcal, que, ao naturalizar valores na sociedade, guia a construção social do direito e da política, estabelecendo e sustentando uma rede de dominação autoritária e totalitária, em que surge uma discriminação entre os iguais perante a lei - os visíveis - e os outros, os diferentes - os invisíveis. Um pouco semelhante à ideia de - exclusão, desenvolvida por Müller (2003, p. 4) ao denunciar o esquema de superestrutura à estrutura da sociedade, ou uma espécie de \_metacódigo, isto é, de grupos excluídos pela não aplicação sistemática dos direitos fundamentais.

A equidade de gênero vai além da igualdade de oportunidades, visto que exige mudanças transformadoras, reconhecendo que mulheres e homens têm necessidades, preferências e interesses diferentes e que, para tanto, a igualdade de resultados pode exigir tratamentos também diferenciados (LAURETIS, 1994).

## CONCLUSÃO

Os entendimentos sobre os afetos, as intenções comportamentais e as cognições (crenças) (MYERS, 2014), anteriormente mencionados, tem fundamental papel nas variações de graus de rigidez dessas fronteiras, pois são estes mediadores importantes. Conforme a rigidez e a impermeabilidade aumentam (a partir, por exemplo, do sentimento de ameaça que o outro desperta em mim ou no grupo que pertença), diminui-se o contato, a troca, a relação entre as partes. O que tende a levar ao enaltecimento do que o sujeito se identifica ao passo da condenação do que ele não se identifica. Eventualmente e em níveis extremos, o sentimento de ameaça que o outro considerado “diferente” provoca, pode motivar um lado a desejar e tentar dominar e exterminar o outro (MADUREIRA; BRANCO, 2012). Isso porque a manutenção das fronteiras será uma prioridade diretamente proporcional à impermeabilidade das mesmas.

Contudo, é preciso compreender que tais processos identitários acontecem tanto do lado dos que discriminam como do lado dos que são discriminados. Nesse sentido, em grupos que já vem há muito tempo sendo subjugados, pode-se observar a dimensão política que os processos identitários assumem (MARTINS; AUAD, 2020). Malgrado os ataques às identidades LGBTs, por exemplo, os movimentos sociais de batalhas pelo reconhecimento de direitos têm se desenvolvido e desafiado os preconceitos e as discriminações das posições hegemônicas privilegiadas com cada vez mais tenacidade (MOREIRA; CÂMARA, 2008).

A partir disso, é relevante incorporar aqui compreensões sobre preconceito e discriminação. O preconceito é, de acordo com Myers (2014), um juízo de valor negativo, uma atitude de julgamentos preestabelecidos. Ao passo que a discriminação, é um comportamento, uma ação que tem como fonte as atitudes preconceituosas.

É preciso, portanto, muito cuidado e habilidade do (a) constelador (a) para não reforçar estereótipos construídos historicamente pela sociedade, por estar tão contaminado com as teorias da constelação, a ponto de não perceber as estruturas simbólicas culturais, nas quais estamos profundamente mergulhados, segundo Beauvoir e Bourdieu. Isso requer estudo de gênero, feminismo e interseccionalidade, além do estudo das constelações sistêmicas

e muita vivência prática em terapia sistêmica e da busca pelo autoconhecimento (SCOTT, 1990).

Assim, a fim de estabelecer um olhar diferenciado, sistêmico, por meio de pesquisas e percepções quanto ao funcionamento da vida e de nossas relações, em todas as suas dimensões, possibilitando maior clareza na dinâmica dos sistemas familiares, com enfoque na área da violência doméstica, e em soluções pacíficas e efetivas para nossos conflitos e emaranhamentos, proponho os seguintes Círculos Sistêmicos Presenciais que serão vivências de duas horas, ministradas mensalmente, com fundamento no pensamento sistêmico complexo e utilizando-se das constelações familiares como ferramenta e, da fenomenologia, como filosofia. A ideia é trabalhar todas as relações significativas da pessoa, com enfoque nas raízes familiares e incluindo a ancestralidade de cada sistema.

## REFERÊNCIAS

BAÉRE, Felipe; ZANELLO, Valeska; ROMERO, Ana Carolina. Xingamentos entre homossexuais: transgressão da heteronormatividade ou replicação dos valores de gênero? **Revista Bioética**. 2015; v. 23, n. 3: p. 623-633.

BENEVIDES, Bruna G.; NOGUEIRA, Sayonara N. B. **Dossiê Assassinatos e violências contra travestis e transexuais no Brasil em 2018**. Brasil: Associação Nacional de Travestis e Transexuais do Brasil, 2018. Disponível em: <https://antrabrazil.org/relatorios>. Acesso em 14 set 2020.

BRAGA, Ana Lucia de Abreu. Psicopedagogia e constelação familiar sistêmica: um estudo de caso. **Revista Psicopedagogia**. 2009, vol.26, n.80: p. 274-285.

BRUM, Crhis Netto. *et al.* **Revisão narrativa de literatura: aspectos conceituais e metodológicos na construção do conhecimento da enfermagem**. In: LACERDA, Maria Ribeiro; COSTENARO, Regina Gema Santini (Orgs). Metodologias da pesquisa para a enfermagem e saúde: da teoria à prática. Porto Alegre: Moriá, 2015.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

BUTLER, Judith. **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do 'sexo'**. In: LOURO, Guacira L. O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade. Belo Horizonte, Autêntica, 2013.

CARRARA, Sergio. Discriminação, políticas e direitos sexuais no Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**. 2012; v.28, n.1: p.184-189.

CASARIN, Sidnéia Tessmer. *et al.* Tipos de revisão de literatura: considerações das editoras do Journal of Nursing and Health. **Journal of Nursing and Health**. 2020; v.10, n.esp.: e20104031.

13ª CONFERÊNCIA NACIONAL DE SAÚDE. **Relatório Final**. Brasília: Conselho Nacional de Saúde: Ministério da Saúde; 2008. Disponível em

[http://conselho.saude.gov.br/biblioteca/relatorios/13cns\\_m.pdf](http://conselho.saude.gov.br/biblioteca/relatorios/13cns_m.pdf). Acesso em 12 de jun. 2021

COSTA, Pedro Henrique Antunes. *et al.* Desatando a trama das redes assistenciais sobre drogas: uma revisão narrativa da literatura. **Ciências & Saúde Coletiva**. 2015, v.20, n.2: p. 395-406.

FLORES, Joaquín Herrera. **De habitaciones propias y otros espacios negados (Una teoría crítica de las opresiones patriarcales)**. Bilbao: Universidad de Deusto, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

153

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. Curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 2011.

GASPODINI, Icaro Bonamigo; FALCKE, Denise. Sexual and gender diversity in clinical practice in psychology. **Psychology of Health**; v. 28, n. 28: p. 27-36.

GASPODINI, Icaro Bonamigo. *et al.* Masculinidades em diálogo: Produção de sentido a partir de marcadores sociais da diferença [Masculinities in dialogue: Sense production from social markers of difference]. **Mudanças: Psicologia da Saúde**. 2017; v. 25, n. 1: p. 17-25.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a identidade deteriorada**. 4ª Ed. São Paulo: LTC; 2004.

HELLINGER, Bert. **Ordens do amor: um Guia Para o Trabalho com Constelações Familiares**. Tradução Newton de Araújo Queiroz. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2007.

HELLINGER, Bert. **A simetria oculta do amor: Porque o amor fazem os relacionamentos darem certo**. Tradução Gilson César Cardoso de Sousa. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2008.

HELLINGER, Bert. **A Simetria Oculta do Amor**. 6ª ed. São Paulo: Cultrix, 2015.

HELLINGER, Bert; HÖVEL, Gabriele Ten. **Constelações Familiares: O reconhecimento das ordens do amor**. 13. ed. São Paulo: Cultrix, 2017.

HENDGES, Antônio Silvio. **A Teoria dos Campos Mórficos do Biólogo Rupert Sheldrake**. Ecodebate, 2011. Disponível em: <https://www.ecodebate.com.br/>. Acesso em 13 jun 2020.

LAURETIS, Teresa de. **A tecnologia do gênero**. In: HOLANDA, Heloisa Buarque. *Tendências e impasses*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LIONÇO, Tatiana. Que direito à saúde para a população LGBT? Considerando direitos humanos, sexuais e reprodutivos em busca da integralidade e da equidade. **Saúde & Sociedade**. 2008; v.17, n.2: p.11-21.

LOURO, Guacira Lopes. **O Corpo Educado. Pedagogias da Sexualidade.** Belo Horizonte, Autêntica, 2013.

MARTINS, Luisa Bitencourt; AUAD, Daniela. Lésbicas na academia: visibilidades relâmpago, transparente e palpável. **Interritórios.** 2020; v. 6, n. 10: p. 105-130.

MELLO, Shirlei Silmara de Freitas. **Aplicação das leis sistêmicas (constelações familiares) e mediação na pacificação de conflitos decorrentes dos laços de família.** In: CORDEIRO, Carlos José; GOMES, Josiane Araújo, Coordenadores. Temas contemporâneos de direito das famílias, v. 3. São Paulo: Editora Pillares, 2018.

MINAYO, Maria Cecília de Sousa. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 10. ed. São Paulo: Hucitec, 2007.

154

MÜLLER, Friedrich. **Quem é o povo? A questão fundamental da democracia.** Tradução Peter Naumann. São Paulo: Max Limonad, 2003.

PARKER, Richard. **Intersecções entre estigma, preconceito e Discriminação.** In: Monteiro, S. e Vilella, W. (organizadores) Estigma e Saúde. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2012. p. 25-46.

PRÉCOMA, Daniele Cristine Andrade. **Ordens do Amor – As leis sistêmicas.** 2017. Disponível em <https://animamediacao.com.br/2017/07/19/ordens-do-amor-as-leis-sistemicas/>. Acesso em: 18 nov. 2020.

ROBLES, Rebeca. *et al.* Removing transgender identity from the classification of mental disorders: a Mexican field study for ICD-11. **Lancet Psychiatry.** 2016; v.3, n.9: p. 850-859.

RODRIGUES, Carla. Performance, gênero, linguagem e alteridade: J. Butler leitora de J. Derrida. Sexualidad, Salud y Sociedad. **Revista Latinoamericana.** 2012; v. 22, n. 10: p. 140-164.

RUBIN, Gayle. **O tráfico de mulheres: notas sobre a “economia política” do sexo.** Trad. Christine et al. Recife, SOS CORPO, 1993.

SAWAIA, Bader. **Identidade – uma ideologia separatista?** In SAWAIA, Bader (Org.). As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social (121-129). Petrópolis: Vozes, 2014.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade.** 1990; v. 16, n. 2.

SHELDRAKE, Rupert. **A sensação de estar sendo observado e outros aspectos da mente expandida.** Tradução Marcelo Brandão Cipolla. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 2009.

SHELDRAKE, Rupert. **Ressonância mórfica e campos mórficos: breve introdução.** São Paulo: Cultrix, 2015.

SILVA, Dhones Stalbert Nunes; MIRANDA, Marcelo Henrique Gonçalves de; SANTOS, Maria do Carmo Gonçalves. Homofobia e interseccionalidade: sentidos

condensados a partir de uma pesquisa bibliográfica. **Interterritórios**. 2020; v.6, n.10: p. 200-224.

SOUZA, Martha Helena Teixeira. *et al.* Violence and social distress among transgender persons in Santa Maria. **Caderno de Saúde Pública**, 2015; v.31, n.4: p.767-776.

VALSINER, Jaan. Looking across cultural gender boundaries. **Integrative Psychological & Behavioral Science**. 2007; 41(3-4), 219-224.